

Agustina Bessa-Luís, *Fama e Segredo na História de Portugal*,
Lisboa, Guerra e Paz Editores, 2006.

FILIPPE II E LISBOA

Se há um rei que me desperte um sentimento afável, como aqueles amigos nossos que podem fazer dum piquenique no campo uma coisa efémera mas com boa recordação, é Filipe II. É um homem de família. Pouco ou nada efusivo, mas guardando no coração uma ternura feita de condescendência suspensa duma tristeza que, creio, o havia de acompanhar a vida inteira. Como todos os Césares, foi muito caluniado e comprometido com intrigas que confinavam com a desventura do poder, que é ser pasto da mentira fácil. Todos os governos longos têm uma lenda negra. Difícil, se não impossível de dissipar, porque toda a mediocridade se afirma na sua impunidade. Filipe II teve uma infância que podemos supor que foi feliz. Rodeado de mulheres e de pajens (eram mais de setenta, seis ou sete permanentes) para companheiros de jogos, às vezes perigosos e demasiado atrevidos; conheceu essa pequena fórmula da vida de adulto feita com os primeiros sentimentos de culpa e perdão. A constante ausência de Carlos V, imperador de estados vastíssimos, que impõem presença e guerra e planos de muitas obrigações, faz com que a corte fique deserta de homens, que “não querem andar em tutorias”, dizem. De resto, a corte da imperatriz D. Isabel, com muitas portuguesas, não desapegadas da sua língua e dos seus costumes, é considerada ligeira demais e sempre em mudança de lugar. O príncipe Filipe cresce naquele falatório feminino que conta as alegrias partidas numa cidade que algumas não verão mais: Lisboa, cidade aquática e íntima, muito diferente da seca planície espanhola que acaba por se imprimir no carácter do príncipe. Aos oito anos parece ter vinte. É severo, pouco dado às ternuras; mas talvez guarde, no fundo, um pouco de coração amoroso. Ao longo da sua história familiar, que foi atribulada e até dolorosa, Filipe II tem, nos momentos de maior risco, uma atitude próxima da fraqueza.

Ao seu lado está o famoso Rui Gomes da Silva, que a imperatriz D. Isabel levou de Lisboa como pajem e que tem alguns anos mais do que o príncipe. Pela vida adiante ele será o confidente, o secretário e a *eminência parda* durante todo um caminho de espantos, de coragem e de melancolia. Rui Gomes, a quem chegam a chamar *Rei Gomes*, é uma dessas pessoas criadas para entender a obediência como uma forma de governar. Sem dúvida que ele tem uma influência enorme na carreira imperial de Filipe II. A vocação do príncipe deve muito ao português; e Lisboa torna-se o lugar intocável e desejado que interpreta na História da época o sentimento de evasão que era herança de Carlos V.

Há em Filipe II uma obstinação comovida para obter as coisas que ama. Gosta do luxo e de parecer bem, porque isso afirma a sua dignidade. Não creio

que fosse homem de grande estatura, a este respeito calam-se os que descrevem os seus atributos e traços de família. Mas, como quem se enfada de não ter crescido, punha no vestir grande apuro e devia dar uma impressão de graça e compostura. Porque com a gravidade da atitude andava decerte uma fraqueza pelo que é belo, as flores e as mulheres. A sua terceira mulher, filha de Catarina de Médicis, desmaia ao vê-lo, tão severo é o retrato que lhe fizeram do monarca.

Nos retratos nota-se bem que Filipe II era de estatura menos que mediana, com os longos braços do seu avô português D. Manuel, que lhe chegavam quase aos joelhos. Mas é um homem belo, com os traços finos da mãe, e que pela compostura retraída e orgulhosa procura compensar a altura que lhe falta. Dá a perceber a pequenez do rei no retrato em que se encontra de pé junto da sua segunda esposa, a rainha Maria Tudor, que está sentada talvez para não demonstrar que é mais alta que o marido. O embaixador veneziano Michele Suriano, quando Filipe II tem já trinta e três anos e se casa com Isabel de Valois, que tem dezasseis, diz: “Ainda que não seja alto, está muito bem formado e proporcionado, e veste com apuro e tanto gosto que não se pode ver coisa mais perfeita”. No entanto, é dum orgulho tão frio que chega a ser desabrido.

É este parecer, tão reiterado que se tem por natureza cruel, o que primeiro impressiona. Daí que o primeiro encontro com a Valois dê ocasião a anedotas maliciosas. Como aquela em que, vendo a jovem princesa a olhar para ele com atenção, lhe pergunta duramente: “Que está a olhar? Para os meus cabelos brancos?”. Não deve ter muitas cãs, está na força da idade; mas incomoda-o ser observado até pelas pessoas que ama.

Não contou com a educação à francesa, mais livre e desenfadada do que a das mulheres da corte espanhola, rígidas e sem brilho. A rainha Catarina de Médicis teme pela saúde da filha, que não sai nem pratica desporto, além de que gosta mais de dormir do que de mover-se. O regime da corte espanhola não é propício a um bem-estar. Adoece e sangram-na, porque os médicos pouco mais sabem fazer. Catarina manda-lhe remédios aconselhados pela sua privança de doutores e curandeiros. Começa aqui a lenda negra de Filipe II, atribuem-lhe crimes do filho D. Carlos, que é desequilibrado e doente. A juventude da madrasta e enteado favorece as intrigas, mas é de crer que o rei não esteja muito a par desses enredos de antecâmara. Também não terá muita paciência para a esposa, limita-se a deixá-la à vontade, muda a corte de Toledo para Madrid. Agradando-lhe, livra-se de a aturar. Mas Isabel, iniciada cedo demais na vida conjugal, ou por compleição doentia, ou ainda porque estranha o país, a corte e o clima, e até a religião, cai enferma. Recobra a saúde, graças talvez à sua pouca idade para se deixar vencer por desastres do corpo e da alma.

Dá à luz uma menina, Isabel Clara Eugénia, que acabará por ser a luz dos olhos do pai, a sua aia, a sua enfermeira e que ele casa com um primo austríaco,

que ele sabe não lhe dará filhos. O amor que lhe tem, o medo de que ela acabe em desastre de parto, como a mãe, dita-lhe a precaução extraordinária e obcecada. Ainda que Filipe II diga que gostava de ter um filho (D. Carlos é vergonha do seu sangue e da corte inteira), alegra-se com o nascimento da princesa e ensaia mesmo tê-la nos braços como uma boneca. É duma ingenuidade tocante quando não se propõe ser rei de todas as Espanhas.

Morre-lhe a mulher, Isabel de Valois, e definitivamente Filipe II parece estar livre dessa teia de casamentos em que foi envolvido desde a mocidade. D. Carlos morre também depois dum processo escabroso que envolve alta traição e do qual o pai sai maltratado na honra e no coração. Não se sabe se Isabel de Valois, primeiro prometida a D. Carlos, desempenhou algum papel naquele drama que o rei conduz com a sua frieza habitual que dá azo a que o tomem por desalmado. Não o é. É simplesmente tímido nos momentos graves e os homens acobardam-no. Até o pobre D. Carlos, encarcerado, no auge do desespero, tragando um anel para se suicidar, é usado para criar a lenda régia. Filipe II será para a História, feita por embaixadores e partidos que pagam a espíões de más contas e más informações, um tirano acabado.

Ele ama as mulheres, sente-se protegido com elas, vive com elas num limbo que chega ao incesto mas nunca à desonestidade confessada. A sua bela irmã D. Joana, que chegam a querer casar com o sobrinho meio louco, não se separa nunca do soberano. Os dois irmãos foram sempre muito unidos, muito íntimos; e tanto que houve suspeita de amores entre eles, e Carlos V mandou que lhes separassem as casas. O rei vê nela a figura da mãe morta, ou simplesmente lhe agrada aquele atalho que conduz à infância perdida onde tudo era no feminino, festas e alegrias, caprichos e virtudes.

Entretanto o português Rui Gomes da Silva, *Rei Gomes*, governa a Espanha. Se D. Carlos era louco e completamente arrastado por uma personalidade em que se fundiam os humores corrompidos de muitas gerações imoderadas, consanguíneas, combinadas com terrores pessoais, não o podemos descortinar [...]. Quando o poder é tanto, conduzido pelas guerras, heranças, alianças e reviravoltas do destino, acontece que a lenda toma posição como se ela própria fosse um triunfo da História. Filipe II, com os seus quatro casamentos, os filhos nascidos mortos ou mal nascidos, a sua imensa correspondência familiar ou de chancelaria; com as guerras, traições, obrigações, crises de dinheiro e de ministérios; com as amantes, se as tem, que abusam da sua confiança; com os capitães que não lhe obedecem; com os secretários que se riem dele, e o roubam e o caluniam, Filipe II só podia ser o que foi, um tirano desacreditado. Parece elementar situá-lo numa época, sofrendo dela influências, pousando como uma efémera borboleta em cima dum quotidiano que se transforma e muda. Mas apesar de a sua pequena figura encher o mundo, ele conserva-se retirado, como alguém que resiste à realidade das coisas com uma frieza cautelar; como se elas fossem motivo de infecção, de

corrupção, mesmo o amor, mesmo o poder, mesmo aquele sentimento desproporcionado a todos os factos que o acompanhará até à morte [...].

No fim da sua vida, a filha Isabel Clara Eugénia constitui a sua única definição de amor, a de companhia, atenção absoluta adequada à cristalização dum ser com outro ser. Ela o não deixa nunca; está ao lado dele quando o rei assina as suas inúmeras cartas, decretos, ordens de prisão, declarações de guerra, pedidos de empréstimos. Sobre os papéis, a mão inábil da menina deita areia secante. É a sua dama de honor que ele leva consigo, dispensando as camareiras numa grande simplicidade que simula a frieza habitual. Como acontecia com a irmã Joana, dispensa-lhe uma espécie de proteção consoladora, como se estivesse a agradecer tê-la à mão, para a amar e fazer todas as coisas inúteis na sua vida.

Há duas maneiras de explicar um homem: a primeira, como pertencente ao seu século e sendo parte dele; a segunda, sendo como uma criatura isolada de tudo o resto, acabada no seu mais profundo carácter de homem. A prova de que Filipe II era bom é que era sempre enganado pelas mulheres e pelos confidentes, pelos amigos. E as lágrimas cujas nódoas ficaram nas cartas que escrevia às filhas. Estas cartas, que o rei escreve de Lisboa, estão longe da segura que lhe atribuem. Um traço do seu carácter é a debilidade pelas pessoas fortes e até descaradas. Ana de Mendoza, princesa de Éboli e mulher do privado Rui Gomes, e o secretário Antonio Pérez, que o humilhou pela Europa inteira, o traiu, lhe roubou papéis comprometedores e acabou rindo-se dele e a Inquisição e de todos [...]. Os seus amores com a princesa de Éboli parecem tirados dum folhetim de capa e espada. Não é de prever que essa mulher, mais caprichosa do que poderosa e que deu água pela barba a Santa Teresa de Jesus, fosse ao ponto de desafiar o rei e de pô-lo em ridículo [...].

Filipe II não se preocupa com a Éboli, uma mulher histérica que foi mãe de dez filhos e que tem na corte um lugar assegurado pela grandeza do pai, vice-rei do Peru. O carácter da princesa, tumultuoso e sensual, fez pensar se não teria sangue mestiço nas veias. De qualquer modo é alvo de intrigas, maledicências e denúncias que vão até ao assassinato; até que Filipe II, vergando ao peso das obrigações de estado, ausente em Portugal, carregado de grandes cansaços e causas imperiais, a mandou fechar na torre de Pinto, depois no castelo de Pastrana, facto que passou por ser prisão. A Éboli morreu furiosa com os filhos, o rei, o alcaide e o mundo inteiro, mas não era uma qualquer [...]. Não era medíocre em nada: nem na sua beleza, nem na sua inteligência, nem no prazer de mandar. No *imbroglio* da sucessão ao trono de Portugal ela vai aparecer mais tarde na encarnação da sua neta, a duquesa de Bragança. É bem de seu sangue, que a princesa de Éboli pretendeu estar torrencialmente misturado ao dos grandes de Espanha, aquela exclamação de D. Luísa de Gusmão: “Antes morrer reinando do que viver servindo”.